

A imagem de Deus na religiosidade popular

Na vida de todos os dias, a história dos crentes tece-se de encontros que dizem as representações de Deus, das mais díspares, das mais tolerantes, das mais familiares, das mais fáticas, das mais ambíguas. Deus “diz-se” segundo as circunstâncias, explicando tantas vezes passagens difíceis da vida e desbloqueando impasses na trajetória do cotidiano.

I. Retalhos do cotidiano

Em dia funesto e cinzento para a família, corre a mãe à sacristia e suplica ao padre uma oração sentida para que “Deus não lhe leve o filhinho” que tão novo ainda parece não reagir aos tratamentos hospitalares; fala a senhora debilhada em lágrimas e diz para si e para os outros um Deus “à última hora”, um “recurso final” diante da ineficácia científico-técnica da sua cultura envolvente. Pedido de urgência que lhe sai dos lábios, de uma mãe irremediavelmente cheia de esperança que balbucia teimosia confiante ao dizer: “se Deus quiser, pode salvar-mo”. História da vida quotidiana que patenteia, diante da fugacidade do saber científico e da precaridade do seu poder nos meandros da existência, um apelo à vida por excelência, ao saber sem limites, ao poder que ultrapassa todas as barreiras culturais.

“Deus abandonou-me, pois a vida começou a andar para trás”. “Tudo corria bem, os negócios, a família, até vivíamos felizes, com

muito trabalho, mas felizes. Nunca esqueci as orações que me ensinaram... e mesmo no carro, a caminho da feira, ía rezando. Mas, não sei porquê... inveja, juras dos vizinhos... não sei... Deus abandonou-me... Foi o acidente, a doença da mulher... a crise nos animais, a carestia nas searas e até o vinhinho que alegrava a nossa mesa. Que mal terei eu feito para merecer isto de Deus?!” Desafabos de um pai diante dos ilogismos da sua vida e dos fracassos somados das últimas histórias da família. Gritos de um Job nosso contemporâneo que desafia a sua incompreensão e para quem “Deus” de aliado passou a “Desertor”, de companheiro invisível mas próximo, o deixou de mãos atadas e sozinho. Lamentações de um desiludido para quem se quebrou o fio de oiro que tornava clara a sua trama e que não consegue reencontrar a serenidade, desolado num campo de solidão. Deus era-lhe discreto, mas presente, era-lhe seguro, rocha inabalável e responsável; era protector e defesa sem exigências grandiosas a não ser a da sua vida de homem simples e confiante. A vida deu voltas e Deus permanece Deus, mas “deixou-o” ... Agora não sabe ler as páginas difíceis do seu livro diário nem vê a maldade que lhe tenha merecido semelhante desfecho! História da vida quotidiana que fala de proximidade e de distância, de companheirismo e de solidão, face ao irracional que aparece sob o tema do desequilíbrio do acidente, do incongruente, do mal social e pessoal, da derrocada de um itinerário de homem. Deus não morreu, mas ausentou-se; Deus explicava e, agora, só a sua ausência esclarece as sombras radicais que pairam sobre a vida!.

“Nunca entendi o choro fúnebre daquela senhora que gritava na casa enlutada”. Um ritual bastante familiar para toda a aldeia e que deixava os vizinhos numa franca indiferença. Experiente e avançada em idade, saíam-lhe das entranhas lamentações radicais; recordando a história quotidiana de tantos anos com o marido, agora defunto. Arrepios para alguém do exterior, alheio à matriz cultural daquela gente. A certa altura, repleta de lágrimas, murmurava: “roubou-mo, como um ladrão”, “agora que a vida podia ser diferente”. Fora traído o coração desta esposa, traído e surpreendido por Aquele que para ela tudo podia fazer; veio no momento menos propício e arrombou a vida daquele que dava significado à sua. Lágrimas impotentes diante da morte, desafios sobre um Deus poderoso cujos caminhos são diferentes, como os de um “ladrão”... Mas, Deus parece diferente segundo as circunstâncias da vida... e as representações sucedem-se para esta mulher como para toda a gente, talvez. “Ai, louvado seja Deus!”, tinha ela dito quando o médico chegou dando-lhe os tranquilizantes de uma possível vitória.

sobre a morte; esta jaculatória de bênção saía-lhe dos lábios quando a vizinha se prontificou a trazer-lhe os medicamentos; dizia-lhe com afecto e com esperança: “Vá com Deus”! Além disso, quantas vezes ao recolher o milho no celeiro não se vergou diante da bondade e da providência com um “bendito seja”, já que “mesmo que os amigos faltem, Deus não falta”. Um Deus para todos os momentos; hoje “rouba” na morte, mas ontem “deu” no S. Miguel, hoje socorreu prontamente e amanhã é o responsável pelo desamparo e pela solidão.

“Aqui há uns anos eu não ia muito com estas coisas de Igreja; a rigidez asfixiava-me e, sobretudo, tudo me parecia demasiado mecânico, até Deus aparecia quando se queria, rezado segundo a nosso vontade, zangado segundo o humor de nossos pais. Sabe, Deus era muito um produto do nosso bem-estar ou mal-estar, e até fazíamos d’Ele vingativo só porque queríamos que fosse como nós. Era o Deus dos nossos pais. Afligia-me que Ele dependesse dos nossos estados de alma... Não conseguia imaginar muito como fosse, mas também não me contentava com o que d’Ele me diziam. Por cima dos céus nada imaginava, nem creio que Deus habite num espaço onde os homens possam penetrar quando desejam. Deus, pensava comigo, é mais diferente de nós ... e o que me apresentam é demasiado como ‘eu’. Adivinhar a sua voz além da tempestade ou o seu mau humor no torvão, sabê-lo cheio de ternura quando lhe rezo e juiz quando faço o mal ... tudo isto me parecia demasiado recuado.

Procurei encontrá-Lo diferente da gente do dia-a-dia. Parece-me que Deus deve estar ‘separado’; Ele é outro em relação às nossas atitudes. Procurei e “encontrei” algo ... não estou satisfeito ... mas Ele, hoje, cria em mim ansiedades. Nunca estou bem, mesmo na missa quando me falam d’Ele. Estou também a fazê-lo à minha imagem, pois gostaria que fosse dinâmico; acredito mesmo que o é; Deus não está nas frases feitas da Liturgia, nem habita nas jaculatórias que o Senhor Reitor reza aquando das orações da manhã. Se assim fosse, seria um Deus bem delimitado, que todos poderiam conhecer, mas que não daria satisfação a ninguém. Para mim, Deus está longe das minhas teimosias e, sobretudo, não quer ficar reduzido ao meu pensamento lógico. “Deus” aparece-me como incógnita a decifrar e está sempre aliado às minhas interrogações sobre a vida, naquilo que eu menos entendo e particularmente naquilo que cria em mim mais instabilidade.

“Deus” para mim é mais que uma ideia orientadora, é muito mais que aquilo que o meu espírito pode produzir; não se confunde com o que não sei, nem é o bombeiro para os meus momentos de pânico. A

minha avó alumia a vela em noite difícil e batia no peito quando o tempo não era propício às colheitas; eu penso em Deus quando a felicidade não está e acredito que Ele está não sei onde, porque está dentro de mim. E 'dentro de mim' não sei onde é"!

É assim a história de Deus entre o povo. Não reivindica um lugar bem definido, nem a sua figura é singular. Não podemos traçar-lhe as figuras segundo as gerações; Ele foge aos nossos esquemas teóricos e, particularmente, quando atentos às circunstâncias do viver individual, a Sua imagem é multifacetada e a nossa linguagem é pobre para referir a riqueza da Sua revelação. Raciocinamos em termos e lógicas maniqueístas, e o Deus do "povo" ultrapassa estes esquemas e provoca a nossa imaginação em itinerários religiosos de luxo.

Ainda há tempos, fui surpreendido. Tratava-se da história de um bebê, deficiente desde o nascimento, mas bem amado e acariciado porque filho único. Não tinha semblante de homem, mas era bem mais prendado do que tantos que conheço bem. Fora o alvo de tantos sacrifícios, mas era o fruto maduro de um amor imenso. Circunstâncias sociais, económicas, culturais, frutos de uma conjugação harmoniosa da vida com o ambiente. E, no âmago desta história, Deus estava. A "oração constante" da mãe e a compreensão iluminada de um homem que distingue Criador e criação e que sabe fazer jogar (mesmo racionalmente) as causas segundas com a causa primeira. "Há um fruto em nós que é o jogo de tantas circunstâncias", dizia o pai, lúcido e corajoso, não retirando nenhuma lágrima à nostalgia que lhe criava um rosto de sorriso cansado. "Seja segundo a vontade de Deus", que no-lo deu, dizia a mãe, como num salmo de confiança e de lamentação! Parecia que Deus continuava nas entranhas desta terra, mais actual, a nossa, que não cruza os braços diante da deficiência e que não abdica da linguagem religiosa para dizer a sua sorte ou para referir a sua própria responsabilidade!

Ainda mais nova é a geração que há dias me falou sobre Deus e que, numa referência explícita ao pensar dos avós, me dizia: "É muito difícil ser continuamente bom. Será que Deus deixou de ser meu amigo? E se Deus se esquecesse que eu existo? Deus é como um pai. E se o pai não é aquilo que gostaríamos que fosse"? Tantas interrogações que denotam uma inquietação geral do sentido. De perto, "Deus", palavra ou realidade, mexe com a vida e, ao que parece, não fica inquieto no seu pedestal invisível. Referência de juízo, ou coroa da bondade do homem, Deus tem antenas que captam a vida deste mundo...

II. Deus, no superlativo

Há uma distância, há um superlativo que imediatamente se introduz ao pronunciar um nome! Alguém escrevia: “Deus, ótimo!”, Deus vingador! Deus espectador! Deus Senhor do mundo, colocado de cima, rei do Universo, num pedestal imenso, contemplando a marcha do mundo... Deus deixando correr, na sua providência, sem desamparo nem angústia... Deus na boca de todos e na boca do palco do mundo; Deus, controlo e Deus, instituição segura e sem desequilíbrios”. Deus, no máximo, numa tentativa humana de conduzir a história. Deus, um superlativo daquilo que conhecemos e alguém para além das miragens que vamos tendo. Deus, para além do pensamento e para além do conhecimento, no dizer do poeta, já que

“Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou...”¹.

Entre o povo, Deus aparece e desaparece, já que as palavras pobres que O veiculam estão carregadas de símbolos e, como estes, Ele escapa a toda a tentativa de conhecimento; já que é mais que um sinal, qualquer palavra que O diz e a sua mensagem transporta o ser além da sua significação. O povo sabe que entre o que diz e Deus há uma “ruptura de plano”, há “descontinuidade”, há “passagem a uma outra ordem”². Se Deus fosse o que dizem d’Ele não era, pois seria reduzido ao discurso lógico, que findaria na ilusão da compreensão!

O povo sabe-se “aquém” e tem confiança, pois se Deus é, é também guia dos cegos deste mundo, no labirinto de tantas incompreensões e numa luta inédita contra a degradação. A poesia aqui encontra a teologia na pena de André Dumas: “a história que Deus tem connosco, com a nossa época, com cada um, é indescritível, invisível, como o próprio Deus (...). É preciso renunciar à partida a prescrever-lhe uma estrada de definições (...). Pois para que haja Deus é preciso que seja Outro diferente dos homens, de suas projecções, diferente do mundo e das suas simbolizações (...). Deus está fora da minha alçada, mesmo que eu nunca esteja fora da sua”³. Deus. “Nunca escrevi nada acerca d’Ele. Não ousou responder, mas uma imagem d’Ele habita-me

¹ A. CAEIRO, *Poemas*, Clássica, Lisboa, 1985, 19.

² J. CHEVALIER, *Dictionnaire des Symboles*, I, Seghers, Paris, 1973, XVIII-XIX.

³ A. DUMAS, *Nommer Dieu*, Cerf, *Cogitatio Fidei* n.º 100, Paris, 1980, 11.

como habita cada um. Para a minha avó Deus está no céu para julgar os actos do homem, castiga o mal e outorga bónus quando se faz o bem. Imagem num contexto social e educativo. Para mim Deus é princípio e fim, é pão e vinho, necessários à vida do homem” (escreve uma adolescente – *inquérito*).

Deus está do lado dos grandes símbolos que contextualizam a vida do homem, hoje; o povo intui que nos símbolos que O referem tudo permanece para além do dito e que a linguagem que O diz é, antes de mais, comunicação com Ele; linguagem não ilusória, nem irreal, pois o próprio Deus desconcertou-se na expressão de Ex. 3,14: “Eu sou aquele que serei”! Sempre além do dito, num processo dinâmico que é próprio da sua perenidade, Deus não se deixa dizer, mas apenas balbuciar, pois a linguagem dos homens não é senão a do “quase”, como escreve Mário de Sá Carneiro:

“Quase o amor, quase o triunfo e a chama,
quase o princípio e o fim – quase a expansão...
Mas na minh'alma tudo se derrama...
Entanto nada foi só ilusão!
(...)

“Um pouco mais de Sol – e fora brasa,
um pouco mais de azul – e fora além.
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse alguém...!”⁴.

Não foi a mesma questão que levou Orígenes, nos primeiros tempos da nossa era, a consagrar para sempre o seu pensamento na fórmula “simplicitas multiplex” e “multiplicitas simplex”, para referir que ninguém dispõe de um único nome para dizer tudo de Deus, pois qualquer deles não responde à simplicidade multiforme e à multiplicidade simples que lhe estão na essência?⁵ O povo intui que Deus não é realidade estática, nem uma estátua roborizada, nem tão pouco impermeável e insensível; mas aparece-nos como realidade dinâmica, interrogante, susceptível de novos atributos em cada uma das revoltas da história do homem; assim, se o “tratado teológico” pode parecer fixo e estático⁶, como o referem alguns, “fruto de uma cristalização que foi levada a

⁴ M. SÁ CARNEIRO, *Poesia*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1990, 122-123.

⁵ Cfr. ORIGENES, DTC⁴, 1112-1116, citado por B. STUDER, “Dieu”, *Dictionnaire Encyclopédique du Christianisme Ancien 1*, Cerf, Paris, 1990, 689.

⁶ Cfr. L. SERENTHA, “Dios”, *Diccionario Teologico Interdisciplinar*, I-II, Sigueme, Salamanca 1985, 834.

cabo num determinado momento da história da teologia”, o tratado teológico dos crentes é pleno de dinamismo, responde às questões mais prementes da vida, faz da transcendência uma categoria jurídico-moral, em relação com este mundo, particularmente no tocante à santidade itinerante dos homens.

André Dumas, a propósito da “nossa história com Deus”, propõe os seus “quatro lugares sucessivos” na nossa cultura contemporânea, lugares que convém referir, antes de ir mais longe neste estudo, pois a inacessibilidade do Deus transcendente aparece hoje sob outras figuras, no momento que, com o mesmo autor, podemos chamar de “Deus regressa”⁷. De facto atravessou-se o momento ou lugar do “senhorio”, do domínio, do “triumfalismo”, de uma “segurança dogmática” com delegações institucionais sólidas; a confissão de fé proclamava “a soberania bem-aventurada da palavra de Deus”, como a dogmática explicava e “descrevia a objectividade salutar de Deus”. Passou-se, depois, a um momento sombrio de dúvida, de suspeita e de desconfiança, fase na qual se pôs à prova a dogmática simplista, suspeitando que ela aparecesse como esconderijo de “ingenuidade cultural” ou como “camuflagem ideológica”. Passaram Marx, Freud e Nietzsche, numa tentativa de recusa intrépida do saber mítico e fizeram-se experiências de “desmitologização” num esforço de racionalidade que levou à “ilusão fantástica” e à criação do mito do homem. O terceiro momento (ou lugar) foi “passageiro e confuso”, diz o autor. Nele “convergiriam uma filosofia da secularização ateia e uma teologia da fraqueza triunfante do Deus crucificado”; é o momento da morte, morte de Deus, “tema que uns entendiam culturalmente como o último eco da emancipação humana a partir do século das luzes e que outros compreendiam misticamente como a refutação cristológica do Deus triunfalista”⁸. Também passou, embora paire ainda no horizonte de alguns que ainda não assumiram as fraquezas de uma tal posição. A última fase, “completamente nova”, é a do regresso: “Deus regressa. A Bíblia regressa. A religião regressa”, por vezes mais do lado da cultura ateia do que do lado da teologia, ainda ligada a momentos precedentes⁹. Deus aparece sob variadíssimas figuras, umas carregadas do peso da tradição católica e outras forjadas “a partir de baixo”, numa teimosa interpretação dos eventos do homem e numa ousada escuta da “revelação de Deus” no hoje do mundo. Então, Deus no superlativo, para além do tempo e do

⁷ Cfr. A. DUMAS, *op. cit.*, 13.

⁸ *Ibidem*, 14.

⁹ Cfr. *ibidem*, 14.

espaço, na sua inacessível transcendência, torna-se o Deus do máximo de cada homem, o Deus das suas causas, dos seus direitos, o Deus companheiro da sua solidão, o Deus bom nos campos da maldade, o Deus benéfico nas intrigas caseiras, o Deus ansiado como “pão novo” no meio do cansaço jornalheiro, o Deus que deveria estar para remover obstáculos de liberdade, o Deus “quase sem nome”, que não perde em transcendência mas que projecta o homem além de si mesmo, imanente que é ao seu quotidiano. É onipotente face aos nossos desastres; é omnisciente face à ignorância; é de bondade face a tantas traições de interesse; é de presença face a tantas ausências camufladas; é de companhia face a tantas solidões; é transcendente porque é antípoda de tantas causas fracassadas do homem. É “a partir de baixo” que Deus é pressentido; mergulhados num deserto, os homens tateiam a sua presença e encontram-n’O, pois “Deus é, quando imagino o céu, Aquele que me acolhe; não diz nada, não pergunta, sorri, está sereníssimo...” (1991, *do inquérito*). Para a gente crente, Deus não deixa de estar, quando todos falham, e é aí o lugar da manifestação de transcendência. O Seu “nome” não O torna objecto, mas evoca uma realidade inigualável; Deus não se deixa “apropriar”, nem aparece confiscado em representações plásticas; aqui o povo é teólogo, pois sabe que “sobre Deus não se pode fazer nenhum enunciado objectivo como sobre as realidades acessíveis ao nosso pensamento finito (...). Deus não pode ser designado senão por nomes”, estes não têm um significado substancial, mas sobretudo uma “significação operatória”¹⁰. “O nome pertence ao mesmo tempo àquele que ele designa e que deveria acordar quando se chama, e àquele que designa e que acorda quando o pronuncia. Há um animismo latente no nome (...) ele propõe-se estabelecer um laço e não extrair uma ideia, nem sugerir um transfert.”¹¹. Deus não é um nome objectivante; como todo o nome, Deus aparece como dialogal e relacional. Dizer Deus não é despertar uma ideia, mas é acordar para uma relação, e quando se fala da sua imagem entre o povo não se pode prever senão um sistema de relações instituídas; a “dialogacidade” e a “relacionalidade” são, por isso, o sentido genuíno da imagem, mesmo quando se fala de Deus. Isto no pensamento de Karl Barth: a imagem, como o nome, implicam um “face-a-face” frente a Deus (K. Barth) numa “capacidade permanente de resposta” (E. Brunner)¹². É neste sentido que “a religião do nome

¹⁰ Cfr. Klaus KIENZLER, “Dieu”, *Dictionnaire de Théologie*, Cerf, Paris, 1988, 98. Veja-se a este propósito o pensamento de S. Tomás de Aquino sobre a “analogia nominum”.

¹¹ A. DUMAS, *op. cit.*, 79.

¹² Cfr. G. BARBAGLIO, “Imagem”, in *Dicc. Teológico Interdisciplinar*, Sigueme, Barcelona, 1986.

cria uma história, a religião dos ídolos (...) cria uma natureza cheia de deuses”¹³.

III. “Deus não come nem bebe, mas julga o que entende”

Este conteúdo dialogal e relacional está patente na linguagem quotidiana do povo crente. A respeito de “Deus” o método etnográfico encontra as reproduções da linguagem; a iconografia de Deus não é directa, mas é-a nos seus mediadores. Para um estudo etnográfico impõe-se a via da oralidade. O povo exprime as representações de Deus por ditos, por adágios, por provérbios. Como para Platão¹⁴, também para o povo a imagem permanece ligada ao sensível; Deus não tem imagens, pois não se deixa representar sensivelmente; “jamais ninguém o viu”.

Assim a “língua” popular fala de Deus, a partir de dentro do texto sociocultural que exprime; a “língua” não é um meteoro, e, por isso, as suas valências transportam a cultura e a sociedade que as produzem. Tantas expressões na linguagem comum apontam para um certo imaginário, que gostaríamos de diagnosticar; lançamos aqui as sementes de um estudo que acarretaria trabalho de anos¹⁵.

Deus, apoio próximo

“Valha-me Deus” é uma destas expressões que andam de boca em boca e que evoca Deus presente no itinerário quotidiano do povo crente; Deus não está longínquo, mas pertence ao povo como os fios a um tecido. Trata-se de um auxílio permanente, de uma âncora de salvação, de um “pronto-socorro” ligado ao coração dos simples, sem necessidades de outras mediações na hora das provas. Deus vale nos episódios simples; a expressão fá-lo participante do fundo comum e muito concreto das relações e das peripécias diárias.

Deus está sempre prestável, para valer, pois é simples como os simples que a Ele se recomendam. A expressão revela também um Deus capaz, cheio de atributos de poder, de onipotência, um Deus sem barreiras de interesses ou de indigências. Ao mesmo tempo ela denota

¹³ Citado por A. DUMAS, *op. cit.*, 80.

¹⁴ Cf. H. CROUZEL, *Dictionnaire Ency. Christ. Ancien 1*, *op. cit.*, 1213.

¹⁵ Para o nosso inquérito servimo-nos da obra F.R.I.L.E.L., *Adágios, Provérbios, Rifões...*

Typographia Rollandiana, Lisboa 1841.

ainda o secreto silêncio de Deus que conhece o coração e que não precisa de recomendações para levar a bom termo o seu auxílio; é Ele que perscruta o mais íntimo dos homens, sonda-os até às entranhas.

“Valha-me Deus” é também o desafio de um confuso ou de alguém em situação de embarço; Deus vale para estabelecer a ordem, Deus retira do caos como na primeira manhã da criação.

“Valha-me Deus” apresenta um Deus próximo, capaz, auxílio pronto e ordenador da vida; apresenta-o ainda como inteligência íntima no coração da realidade, da vida quotidiana dos homens. Aliás, nesta valência, a expressão anda vinculada a uma outra muito frequente entre o povo: “Deus lá sabe” e “ainda que todos me enganem, Deus lá está”. Estas sintonizam com o aforisma “só eu e Deus”. O conhecimento íntimo dos seus pertence-lhe, mais profundamente que aos próprios seres; sabedoria próxima da dos salmos que reivindicam para Deus o conhecimento mais essencial e íntimo: “Tu me sondas, me conheces, Senhor... Sabes quando me sento e quando me levanto”!

Ainda na vida quotidiana, Deus é companheiro, viajante seguro e guarda ilustre nos caminhos dos homens. “Deus” envia-se nas saudações e nas despedidas, Deus partilha-se com os vizinhos a qualquer hora do dia: “Deus te salve”, murmura a avó frente aos sinais de frio do neto; “vai com Deus” diz o merceiro ao freguês que se escapa; “Deus te guarde”, diz a mãezinha como boa noite à criança. Deus, omnipresente na encruzilhada das conversas e dos afazeres. Deus, sem revelências?

Deus, soberania transcendente

“Deus escreve direito por linhas tortas”, provérbio de origem discutida, mas sempre presente na cultura popular portuguesa; refere uma faceta de Deus invisível, poderoso, diferente dos homens, fazendo germinar o bem onde parecia campear o mal. Trata-se quase de uma “profissão de fé popular” que confessa, por um lado, o engano possível das criaturas em relação ao direito e, por outro lado, o insodável desígnio de Deus sempre a descobrir. É uma “confissão” ligada com o destino, fazendo deste “o secreto plano de Deus” que convém desvendar diariamente, pois Deus está onde parece mais ausente e decide a salvação nos meandros mais obscuros e tortuosos da vida humana. O plano de Salvação de Deus está por descobrir, por sondar, pois continua escondido no meio de tantas “linhas tortas”. Diz o provérbio ainda que a lógica dos homens não é a de Deus, ou pode não o ser, pois a rectidão daqueles é muitas vezes falaciosa, porque arrogante. Deus confunde a

falsa sabedoria humana e manifesta esta confusão trocando os caminhos da racionalidade precária; os seus caminhos não são os nossos, o que implica uma desconfiança vigilante em relação às certezas autónomas e uma capacidade de discernimento no desvendar das linhas 'tortas' de Deus. "Como artigo do credo popular", este provérbio confessa a distância de Deus ao mesmo tempo que coloca o homem numa atitude de reverente escuta do Seu plano, pois Deus não é reduzível aos esquemas da vida terrena, mas é soberano em relação a ela. Há, por isso, uma confissão velada da soberania de Deus, como no primeiro conjunto apresentado aparecia uma confissão da sua presença íntima.

Deus, no pensamento do povo, decide em relação às instâncias da vida humana e actua segundo o seu plano; diz neste sentido o povo:

"Quando Deus não quer,
santos não rogam".

Deus não depende da vontade humana, mas permanece inalterável (não muda) em relação ao seu plano eterno de salvação para o homem. A sua soberania é de instância originária, irreduzível e primeira. A sua vontade de salvação é desde sempre e não actua segundo os interesses mais ou menos provisórios; trata-se de uma "vontade" a desvendar, pois o homem pode não compreender o curso dos acontecimentos, mas "Deus sabe o que nos está melhor", afirma o povo num outro provérbio secular. A sua soberania articula-se à sua onnipotência e não depende das concessões humanas,

Na mesma orientação reza ainda o povo:

"O homem (pro)põe
e Deus dispõe".

Não se trata de um mero jogo de palavras, mas confessa-se a imutabilidade da Sua vontade salvífica. Pertence ao homem tomar as responsabilidades frente à sua história pessoal e comunitária; pertence-lhe o diálogo com Deus em propostas pensadas e maduras, mas a última palavra sai da boca de Deus. A soberania de Deus manifesta-se na vida concreta dos homens. O provérbio citado refere também o carácter enredoso dos projectos dos homens, a orientação da vida em relação à felicidade futura, mas sempre sob a primazia do plano de Deus. Interroga-se o povo com este provérbio no sentido do evangelho: que adianta ao homem gastar-se em propostas de vida, repletas de processos humanos, se não está atento à soberania de Deus que, primeiro arqui-

tecto, dispõe com sabedoria os acontecimentos do mundo? Assim, afirma-se que o homem pode perder-se em propostas inconsistentes, tendo posto à margem o essencial que era escutar as “disposições” do Deus soberano.

Os ditos do povo, que vimos comentando, confessam o Deus todo poderoso e soberano, cuja vontade salvífica se manifesta naquilo que S. Kierkegaard apelidou “a maior coisa que se possa fazer por um ser, maior que tudo aquilo ao qual alguém pode destiná-lo”, isto é, “torná-lo livre”¹⁶. Na liberdade, como capacidade oferecida ao homem, manifesta Deus a sua soberania onipotente. Esta soberania é de tipo antropológico, como é de tipo cosmológico; Ele é Senhor da história de cada homem, itinerário de liberdade, como é Senhor dos destinos do mundo e dos segredos do cosmos. E nesta orientação confessa ainda o povo:

“A quem Deus quer ajudar,
o vento lhe apanha a lenha”.

Deus não interfere apenas no curso da história humana, mas rege o vaivém das estações e dos elementos cósmicos. Ele é Senhor do vento, Deus da tempestade e da bonança, Deus da vida e da morte, Deus do turbilhão e da felicidade serena.

“Casamento e mortalha,
no Céu se talha!”

diz ainda o povo para exprimir a presidência de Deus à totalidade da história madura de um homem, de todos os homens. Confessa que “quer na vida quer na morte, o homem pertence a Deus”. Esta presidência de Deus é de totalidade, abrangendo as esferas intelectual, moral, sociológica e cosmológica; até as instituições sociais, como o “casamento”, não se furtam à alçada do Deus invisível. O fascínio faz do céu mais além do universo e faz de Deus longínquo, mas sempre em relação com a história dos homens, na liberdade. Deus é sem fim nem começo “senhor do destino”, para a mentalidade popular. Deus aparece como “o nome da transcendência do homem”¹⁷. Soberania antropológica, cosmológica e social.

¹⁶ S. KIERKEGAARD, *Journal*, 1846, cit. por Jörg SPLETT, “Dieu...”, *Dictionnaire de Théologie*. Cerf, Paris, 1988, 101.

¹⁷ Jörg SPLETT, *ibidem*, 102.

Deus, riqueza inesgotável

A riqueza de Deus é infinita e, para o povo, Deus não é egoísta, fechado na sua opulência, nem retém para si os bens criados prodigiosamente. Senhor de tudo, Deus é benéfico, ou melhor, Deus é bondade por excelência, pois os adjectivos aplicados a Deus não passam de antropomorfismos. Os bens que Deus distribui não são apenas de tipo material, mas aparecem como bens do espírito, de ajuda, de presença constante, embora no pensamento popular Deus seja auxílio no infortúnio e apareça como patrocínio dos fracos e dos pobres; aliás os bens de Deus andam ligados ao desprendimento das criaturas e não à avareza, à desordem das riquezas (que podem tornar-se ídolos):

“Mais vale quem Deus ajuda,
que quem cedo madruga”.

É Deus que concede o tempo, mas este não pode ser utilizado autonomamente como se fosse um bem produzido pelo homem. Que adianta ao homem madrugar, se não tem Deus como apoio seguro e como guardião da sua casa? Deus é a bondade por excelência, e, por isso, o apoio ou ajuda inabaláveis para um correcto itinerário de homem. Pode este labutar incansavelmente por um óptimo lugar ao Sol, mas não o terá em definitivo caso não sintonize com a riqueza insondável de Deus. Porém, os bens de Deus podem não estar nas expectativas do homem, e este então correrá em vão ou levantar-se-á de madrugada assistindo ao saquear de sua casa.

Neste sentido, a gente simples que não possui fortunas avantajadas e que respeita o pobre (mesmo o mendigo) como sinal de Deus e da sua visita vai confessando: “A quem nada tem, Deus mantém”.

O aforismo está ligado à simplicidade daqueles que nada podem esperar dos homens e que confiam na benéfica providência de Deus que preserva a existência dos que O amam. Esta sabedoria popular, representando um Deus que tudo faz subsistir, vincula-se prodigiosamente aos salmos e confessa, como nesta literatura bíblica, a criação permanente de Deus, a Sua providência contínua, que não são senão outra forma de referir a predilecção amorosa de Deus pelos fracos e pelos mais desprotegidos. Estamos perante formas religiosas elementares que atestam que Deus não atirou a natureza e os homens como pedras toscas para um charco, o palco cósmico, mas que continua velando, qual mãe cuidadosa e terna que vela pelos mais frágeis (os mais necessitados). O Deus confessado pelo povo não é o deus-desolação ou o deus-indi-

ferente, mas o Deus que compartilha a sorte dos humanos, o Deus atento aos mais carenciados. É o Deus protector, amparo e providência.

Nos grandes momentos da vida de cada homem, reza o povo os seus votos em favor dos vizinhos e familiares. Temos sinais nos aforismos pronunciados particularmente em tempo de noivado, quando a noiva participa a tios e restantes familiares o seu projecto novo. Na despedida, diz-lhe a tia pronunciando sobre ela uma espécie de bênção:

“Deus te dê bem,
e casa em que o tenhas”.

Formas simples e religiosas de desejar a felicidade e de implorar de Deus uma bênção abundante sobre o novo lar. O “bem” é uma síntese de todos os favores messiânicos e a “casa” é o resumo de todas as condições para uma vida harmónica e feliz, particularmente para quem constitui família. Aliás os adágios, como está bem patente neste, prestam-se a várias interpretações, são susceptíveis de vários sentidos sob um fundo de ambiguidade. Assim “o bem” pode ser recebido pela noiva como um “bom marido”, que na sua linguagem é “o meu bem”; por outro lado, o 2.º verso do dito pode ser interpretado no sentido religioso da presença de Deus na casa da nova família. Neste caso, a tia desejaria um bom marido para a sobrinha e que Deus nunca se afastasse do novo lar.

As coisas materiais, os bens deste mundo estão também vinculados à riqueza benéfica de Deus. Deus não tem limites no que pode conceder aos homens, pois é superabundante, e, ainda que de forma segunda, a Ele pertence a propriedade de tudo quanto existe. Assim os ditos populares são confissões da sua largueza e da sua capacidade doativa sem paralelo entre os homens:

“Deus te dê saúde e gozo
e casa com quintal e poço”.

Este dito pertence a sociedades rurais e é formulado como voto pelos amigos, que vão acedendo aos projectos dos namorados mais vizinhos. O voto é formulado no sentido dos bens primários, elementares, que pertencem ao domínio de Deus; são sua propriedade. Deus é, na sabedoria popular, dono da saúde e da felicidade, como é dono da terra e da água. Para aqui um Deus amigo e complacente, proprietário daquilo que o homem mais estima, tanto do ponto de vista biológico

como do ponto de vista económico e social. Anda vinculado à saúde do corpo e do espírito, ao equilíbrio que desabrocha em bem-estar, e ao sócio-sistema que integra elementos ecológicos e grupos humanos (o grupo doméstico). Importa notar que Deus aparece como aquele que tem para dar; o povo não discute donde lhe bem semelhante riqueza, mas nos seus ditos confessa que tudo lhe pertence e que Deus nada retém nem nada amontoa para si. O universo pertence-lhe para o dar como campo de administração ao homem. Deus é rico e da sua riqueza todos nós recebemos.

O que dissemos deixa já transparecer que Deus, na linguagem do povo, não é “uma unidade abstracta”, mas é confessado em relação com os acontecimentos diários; aliás, como o credo da primitiva igreja foi essencialmente narrativo, assim o credo do povo de Deus de hoje ¹⁸. Como foi necessário chegar aos séculos IV e V para que a síntese dogmática revestisse um carácter metafísico, assim hoje é necessário partir dos gabinetes dos estudiosos; Deus, no meio do povo, diz-se nos acontecimentos mais banais e aparece sem criar grandes expectativas. É que assim é mais fácil de intuir que seja o autor da própria vida!

Deus, médico preventivo

Não conhecemos ladaínhas para Deus, mas o povo implora-O com facilidade e cria um vaivém que O diz na sua onipotência. A saúde é o bem maior para a pessoa e, no nosso tempo, o ditado que faz de Deus um médico sempre pronto e até inesperado, anda na boca das pessoas:

“Em pequena hora
Deus melhora”.

Quando parecia que tudo estva a acabar ou quando as esperanças morriam lentamente “Deus deu-lhe a melhoria da morte”, diz ainda o mesmo povo. Deus é médico que confotra aqueles que lhe são entregues e que consola os que ficam. “A pequena hora” refere a melhoria da morte ou o carácter inatendido do Deus que visita o doente. O ditado faz de Deus o médico do instante, não lhe sendo necessários grandes tratamentos, mas distribuindo miraculosamente a graça que é Ele mesmo. Mesmo aqui o credo continua sendo narrativo, vinculado aos acontecimentos tristes da doença que, misteriosamente, são transformados pela mão do invisível. “Foi milagre”, pois “já não havia nada

¹⁸ Cfr. “Dieu”, *Dictionnaire des Religions*, P.U.F., Paris, 1984, 414.

a fazer". Um ditado tão simples diz que Deus "intervém", que não fica ausente, que transforma o curso da vida, que consola e que vivifica. Deus não se alheia aos sofrimentos do homem, mas convive, partilha e irrompe de improviso provocando mudanças, "milagres". Deus é médico sem bisturi porque continuamente presente na trama do seu povo.

Porém, intimamente ligado com a saúde física e com a doença, Deus aparece também no pórtico da saúde espiritual e na transformação das doenças da alma. A expressão "Deus te livre", onnipresente na linguagem popular, é disto reveladora, pois conota uma dimensão profundamente moral da conduta humana. O voto é dirigido em benefício da santidade quotidiana que entra em perigo em face de pequenos e grandes obstáculos. "Deus te livre" é uma recomendação e um desejo de ordem moral que aponta para um Deus, médico preventivo da alma! O homem não pode simular diante de Deus, pois é conhecido mais profundamente que ele próprio é capaz de se conhecer.

Deus-médico intervém e aponta as sendas da moral quotidiana, apoiando a mudança de atitudes, favorecendo comportamentos novos, apontando a conversão:

"Quem se muda,
Deus ajuda",

reza o povo.

A sua terapia respeita a liberdade; Deus aparece como médico que apoia, que aponta caminhos e que dá a mão ao doente em direcção à cura. Ele não se substitui ao doente, mas acompanha-o na longa aventura da sua saúde espiritual. Embora o dito possa ser interpretado do ponto de vista material e conómico, o povo utiliza-o sobretudo no sentido moral de apoio e de alavanca da conversão espiritual do homem. Na estrada da santidade, particularmente, o povo sabe que há vícios a combater; nesta aventura Deus aparece facilitando, mas não se sobre põe à vontade dos homens; a sua postura é de respeito e de auxílio:

"Deus ajuda
quem trabalha",

tanto no plano social como no plano moral. O adágio aponta para a irradiação da preguiça e para o combate em favor de uma acção eficaz, a única que constrói o universo. As obras não são um apêndice das jaculatórias, mas constituem o núcleo do processo de conversão daquele que

adere a Deus; os vícios não se combatem com teorias, nem com contemplações estáticas e místicas; obrigam, sim, a uma vontade decidida e à prova operatória de cada homem. Os vícios combatem-se na eira do trabalho, onde Deus está fazendo soprar o vento que arrebatava os desperdícios.

Se é médico, Deus julga o caminhar do homem. Eis-nos perante umas das representações mais fortes da mentalidade popular; creio que não atraioamos o seu pensar ao colocá-lo sob esta orientação medical. Deus é juiz na vida e na morte, pois o tempo do homem não é preenchido por Ele nos passatempos que nos são conaturais, mas contempla num instante a totalidade do Universo; a vida não lhe escapa nos seus mais recônditos segredos; Ele está, e o seu discernimento é constante:

“Deus não come nem bebe,
mas julga o que entende”.

Assim fala o agricultor da “peneira” de Deus que distingue “a farinha do farelo” e teme-o (porque o ama), pois não quer perder-se diante deste julgamento permanente. A julgar por este ditado, o juízo não está reservado para o fim, como é costume dizer-se, mas é um procedimento permanente de Deus, que olha o homem.

Deus tem também uma palavra final que não é “autônoma”, mas articulada ao fruto, cujo amadurecimento contempla. Na sabedoria do povo, o homem está face-a-face diante de Deus, é responsável pelo seu próprio andamento e será colhido ou deixado segundo os passos que deu e o caminho que trilhou. Não parece o ditado popular tão mecânico quanto o é a leitura que fazemos de um Deus-justiceiro atribuindo-o ao nosso povo; no seu dito, há pessoas, há relação, há procura e há abandono; o juízo de Deus é dinâmico e interpessoal:

“Quem não busca a Deus na vida
é deixado por Deus na morte”.

Estabelece-se uma relação de continuidade entre a vida e o juízo, como aparece a antítese da “busca” e da “deixa”, da procura e do abandono, da vida e da morte, do homem e de Deus, do negativo (não) e do afirmativo. O juízo aparece como afirmação de abandono para aquele que deixou de procurar Deus, como para dizer que quem não necessita dos cuidados do médico pode perder-se na morte, pois é mais doente do que aquele que é exímio no “aggionamento” da sua ficha

clínica! O juízo é “afirmação” na continuidade das negações de Deus ao longo do cotidiano.

Deus, justiça de misericórdia

Deus aparece como “justiça” ao longo da vida, como na morte; mas a sua justiça é de misericórdia até ao derradeiro momento. Deus dá, reparte, e sabe confiar a cada um, segundo as necessidades, a sua medida. Para o povo, Deus não é extravagante nem triunfalista; nem na vida, nem na morte. Está sempre pronto ao perdão, a ante-face do amor; é rigoroso e não rigorista, é justo e não legalista; julga mas não se vinga. Conhece a justa medida de cada um e por isso diz o povo:

“Deus dá a roupa
segundo o frio”.

Nem demais nem de menos; a justa medida, pois conhece as dimensões de cada um. E na sua justiça, aceita sempre a última prece do crente:

“Lá me leve Deus,
aonde estão os meus”.

É também o barqueiro da passagem que conhece o último porto; aí ancorará cada um no oceano do amor dos mais próximos. Sim, pois que o “rigor do juízo” tem como motivo determinante o “amor de Deus”¹⁹.

IV. Deus “desprotegido”. Anotações

Falamos no plural, embora o título tenha sido proposto no singular. Nas representações dos crentes, na sua linguagem, Deus aparece de forma prolixa; toda a tentativa de síntese esbarra com a complexidade; a realidade impõe um leque de “imagens” para um ser “que jamais ninguém viu”.

¹⁹ Cfr. a este propósito o texto de Wilhelm BREUNING, “Dieu/Trinité”, *Dictionnaire de Théologie*, Cerf, Paris, 1988, 106, onde o autor estabelece uma relação entre o rigor de Deus e a sua justiça na Cruz de Seu Filho.

Desta forma, poderemos anotar que “Deus”, para o povo, não se presta muito ao folclore, como acontece com os santos, a Virgem Maria e Cristo. As “imagens” de Deus são misteriosas e concentradas como misterioso é o Senhor; cedo deparamos com uma área de confusão, pois Deus é dito em Jesus Cristo, identificação que não O esgota, mas que O torna alguém de mais fácil acesso. “É difícil falar d’Ele” evitando Jesus Cristo porque este viveu na nossa carne e pertenceu à nossa raça e, por isso, assemelha-se mais às nossas figuras, mais claras e contornadas. “Deus é muito vago”, como vago é o oceano que olhamos e no qual projectamos as nossas imagens; “Deus é infinito” como o oceano.

Não se presta ao nosso folclore, ‘Deus’; ora para os santos e para Cristo deparamos com uma “folclorização de um conteúdo intrinsecamente religioso”: bênçãos, instrumentos, andores, ex-votos, imagens, representações plásticas, procissões, bandeiras e gestos²⁰. Apuramos um fundo cultural diversificado que os veiculam. Deus não se presta a este universo de representações, pois, quando se quer “dizer”, Ele escapa-se; Deus não se limita nem se deixa reduzir. Por isso, propriamente não tem imagens, sendo veiculado para o povo de forma indirecta, por um conjunto de mediações.

Desta forma, desprovido de folclore, Deus é magro de representações, e o povo não O sabe dizer; fica-se sem voz diante da questão sobre “a imagem de Deus”. Do pouco que se diz ressaltam dominantes num contexto cultural preciso; então, “Deus” é dito de forma filosófica (com conceitos vagos e difíceis de definir); é dito ainda numa linguagem profundamente antropomórfica (próxima da experiência comum dos que O dizem); é referido por expressões de tipo doutrinal (feitas de definições dogmáticas apreendidas nos tempos do catecismo); é apresentado também numa perspectiva existencial e espiritualizante que tende a escondê-Lo no coração, qual âmagô invisível da vida.

Uma outra anotação coloca-nos frente a uma prioridade, para não cairmos numa falsa leitura rápida: urge não reduzir a religiosidade popular às práticas massivas de procissões e romarias, de peregrinações e de festas; urge também não fazer do desenvolvimento moderno destas práticas um sinal do chamado “retorno” ou “regresso” do religioso, dando a entender que este tenha desaparecido nos anos fortes da emancipação racional, para regressar à medida que se desfaz o mito da razão autónoma.

²⁰ A expressão é de Michel MOLLAT, “Les formes populaires de la piété au Moyen Âge...”, *La piété populaire au Moyen Âge*, Bibliot. Nationale, Paris, 1977, 10.

No decurso da história, as práticas religiosas mudam em função das realizações culturais de uma sociedade, mas o religioso permanece sob outras figuras. Não é este o lugar para desenvolver uma tal problemática ²¹.

Refira-se aqui que as análises relativas aos temas da religiosidade popular batem-se sempre com a “eminente complexidade” do fenómeno ²², acrescida por uma espécie de marginalização da questão por teólogos e pastores que conotam a expressão de pobre, anacrónica, subdesenvolvida, como se se tratasse apenas de uma classe de desprotegidos ou de “um conjunto de camponeses e de operários da cidade, marginalizados, desprovidos de uma série de bens” ²³. Para nós, na esteira da III Conferência do Episcopado Latino-americano (Fev. 1979), a expressão designa a síntese entre uma “totalidade” – colectiva, cultural, e histórica – e o contexto das práticas; a religiosidade popular (como a cultura popular) aparece como “expressão multiforme da realidade plural do povo” ²⁴. Importa referir que estão em jogo uma concepção de sociedade e uma perspectiva teórica da fé; uma concepção de sociedade, enquanto sistema de mentalidades, de instituições, de grupos, de culturas diversificadas; uma perspectiva teórica da fé, enquanto articulada basicamente sobre as culturas vigentes e fazendo parte delas. A religiosidade popular exprime teoricamente um modelo de análise do processo de inculturação, que não surte efeito senão numa abordagem sistémica da vida social ²⁵.

No nosso inquérito servimo-nos da literatura oral do povo, de hoje e de ontem, o que torna o nosso estudo muito circunscrito. Quanto teríamos a dizer se analisássemos os gestos populares que referenciam Deus, que o representam numa linguagem, dita “analógica” por especialistas. Um longo trabalho fica por fazer, que traria outra riqueza para este debate, já que “le culte populaire s’exprime essentiellement en gestuaire. Gestes corporels, depuis les signes de Croix, inclinations, génuflexions, quelquefois agenouillements ou de baise-ment de la terre du lieu saint (...); la procession est un acte cultuel complet (...)” ²⁶. Daqui se compreende que a religião popular tenha de ser escutada no seu silêncio, pois nela o silêncio tem um “papel pre-

²¹ O assunto já foi abordado noutros estudos: J. SILVA LIMA, *Dieu, je n'ai rien contre Lui*, Lille, 1987; J. SILVA LIMA, “Alto Minho, mudanças sócio-culturais no domínio religioso”, *Cadernos Vianenses* XII e XIII, 1990.

²² A expressão é de L. MALDONADO, *Concilium* 206, (Paris 1986), 15.

²³ *Ibidem*, 15.

²⁴ *Ibidem*, 16.

²⁵ Leia-se a este propósito o mesmo autor, *ibidem*, 14.

²⁶ A. DUPPONT, “Rel. Populaire”, *Dictionnaire des Religions*, P.U.F., Paris, 1984, 1340-1431.

ponderante”, silêncio também das ideias: “la gestuaire est un langage qui le plus souvent se suffit à soi seul”²⁷.

Para concluir seja-nos permitida uma terceira e breve anotação. Ao longo da reflexão convencemo-nos que “Deus” não se circunscrevia ao que dizíamos e que a Sua realidade escapava por completo ao controlo do nosso discurso lógico. E ainda bem, caso contrário mergulharíamos em ilusões traiçoeiras. É neste sentido que Ernest HENAU refere, precavendo-se contra tentativas reducionistas: “a realidade de Deus subtrai-se a toda a tentativa do nosso espírito para o exprimir em definições e em conceitos. Subtrai-se igualmente à nossa capacidade de representação e de interpretação. Esta convicção encontra a sua repercussão em todas as formas de teologia negativa: Deus não pode ser localizado nem no tempo nem no espaço”²⁸.

Aqui e ali, convencidos da nossa incapacidade, deixamos falar a poética das palavras, pois “a diferença da via poética e da via religiosa é fina (é ténue)”²⁹. Deixamos o eco das palavras solto, porque Deus é livre e seria pecado confiscá-Lo na prisão das nossas palavras.

JOSÉ DA SILVA LIMA

²⁷ *Ibidem*, 1431.

²⁸ Ernest HENAU, “Religiosité Populaire et Foi Chrétienne”, *Concilium* 206 (1986), 102.

²⁹ Jena-Claude POLET, “Imagination religieuse – imagination poétique”, *Dictionnaire des Religions*, P.U.F., Paris, 1984, 762.